

APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM UM CONTEXTO INTERCULTURAL: O OLHAR EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA NA REDE SOCIAL VIRTUAL FACEBOOK¹

Arlinda Cantero DORSA*
Rosimeire Martins Régis dos SANTOS**

RESUMO

O texto expressa reflexões e experiências significativas sobre a sociedade contemporânea, tecnológica e digital, com implicações nas práticas escolares e na formação docente, ousando mostrar os pontos de vista da aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC e redes sociais e os referenciais que sustentam, em parte, o trabalho realizado na formação continuada de professores em um contexto intercultural. As autoras lançam a provocação da (re)descoberta de novas possibilidades, de refletir sobre a aprendizagem colaborativa em rede, o letramento digital e a formação continuada. Os resultados apontam que cabe frisar a importância do encontro com outras culturas por meio das TIC e redes sociais como espaço de aprendizagem colaborativa e troca de experiências. As reflexões sobre as aprendizagens a partir da vivência dos sujeitos, é muito valiosa em um espaço da rede social onde brotam dúvidas, possibilidades, significados, respeito, questionamentos, acolhimento, e amadurecimento possibilitando aos envolvidos criação de novos saberes advindos da reciprocidade coletiva.

Palavras-Chave: Aprendizagem Colaborativa; Formação Continuada; Letramento Digital; Interculturalidade; Rede Social Facebook.

INTRODUÇÃO

Com os avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é possível, hoje, colocar diferentes pessoas em contato, ao mesmo tempo, rompendo barreiras geográficas e temporais e com isso surgem a cada dia espaços de aprendizagem virtual com novas percepções e formatos que poderão adaptar para a educação com possibilidades de prática pedagógica autônoma, bem como propostas de formação continuada para professores de todos os níveis de ensino, enquanto oportunidade para

¹ O presente artigo foi aprovado e apresentado em setembro de 2012 no 5º Seminário Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão – Inter/multiculturalidade e Formação de Educadores. Ocorreram alterações no texto para adequar às normas da revista.

* Universidade Católica Dom Bosco – MS

E-mail: acdorsa@uol.com.br

** Universidade Católica Dom Bosco

E-mail: rosimeireregis@bol.com.br

aprender, trocar experiências e construir conhecimento colaborativamente em um contexto intercultural em rede.

Compreendemos que a colaboração só se torna evidente em situações dialógicas, isto é na interação entre pares em momentos presenciais ou momentos virtuais.

Nossas experiências nos espaços de aprendizagem colaborativa, em um contexto intercultural virtual têm nos indicado alguns caminhos para contribuir com o nosso processo de formação continuada enquanto professoras e pesquisadoras e também de nossos alunos que também são professores e estudantes, ouvindo o que eles pensam, como eles agem, negociam com os seus pares e como aprendem em espaços virtuais.

É nesse sentido que situam nossas inquietações de propor um diálogo intercultural virtual em rede com as situações vividas respeitando os saberes de cada integrante do grupo em processo de formação e apostando em práticas colaborativas em um processo permanente de aprendizagem.

Quando iniciamos a formação continuada dos professores estávamos cientes que todas essas interações e ações propostas pelo grupo de professores seriam resultado de comprometimento, capacidade de auto-organizar e atuar de forma colaborativa. Dessa forma, pensamos que pesquisadores e professores precisam se reunir para refletir sobre suas práticas, seus conhecimentos, seus interesses, suas expectativas em espaços virtuais.

Defendemos que a aprendizagem colaborativa em um contexto intercultural possibilita aos envolvidos no nosso caso pesquisadores e professores entender e expressar opiniões sobre crenças e práticas culturais específicas. Segundo Ibiapina (2008, p. 49), “a parceria colaborativa se concretiza como um sistema mútuo, tolerância e confiança são essenciais no processo de coprodução de conhecimentos”.

Não se pode falar em parceria colaborativa sem também analisar o papel da linguagem neste contexto, fundamental para a vida em sociedade, pois confere sentido às mensagens trocadas nos diálogos estabelecidos nas relações interpessoais, nos ambientes interativos e é por meio dela que conseguimos realizar a apreensão do mundo em que vivemos.

Segundo Lévy (1999), o enriquecimento e a extensão das linguagens nos ambientes colaborativos abrem possibilidade de simular, imaginar olhares diversos ou estabelecer uma alteridade já para Araújo & Marquesi (2009) elas possuem duas faces: uma informal utilizada como estratégias de aproximação e a outra formal utilizada nos textos escritos que abrem possibilidades do texto ser pensado, planejado e reescrito.

Ao afirmar que os ambientes digitais no uso das novas tecnologias, abrem não só possibilidades como recursos ou ferramentas educacionais, Kenski (2007) pontua que surgem outras maneiras de se fazer educação, pois surgem novos papéis, novas formas de relacionamento, novas oportunidades e resultados tanto para professores quanto para alunos.

Sobre este assunto assim afirma Bressane (2006, p.130):

A nova realidade educacional precisa ser conhecida, vivenciada e apreendida criticamente pelos educadores. É preciso que todos possam ter a necessária fluência e compreensão do ensino mediado pelas novas tecnologias para saber melhor aproveitá-las em suas atividades rotineiras de ensino, para ousar e transformar. (BRESSANE, 2006).

A pesquisa que passamos a descrever teve como base de coleta de dados os registros postados na rede social facebook. Patrício e Vitor (2010) destacam que o facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo como espaço de encontro, partilha, interação e discussão de idéias e temas de interesse comum. Foi criado por Mark Zuckerberg e alguns colegas, estudantes da Universidade de Harvard em 2004.

Procuramos mostrar a importância do letramento digital, da aprendizagem colaborativa, da formação continuada e como as redes sociais possibilitam formas de existência coletiva ou de relação consigo e com o outro a partir de um olhar no grupo de professores participantes da formação continuada virtual.

METODOLOGIA

Optamos pela etnografia virtual como proposta mais adequada para a coleta de dados na rede social facebook. Os participantes da formação continuada totalizaram 23 professores, sendo 12 indígenas e 11 não indígenas.

A formação continuada proporcionou interações virtuais no facebook, com discussões e reflexões sobre teorias e práticas docentes relacionadas às tecnologias de informação e comunicação inseridas no contexto educacional.

Os excertos foram transcritos sem qualquer alteração e os nomes dos professores identificados por letras são fictícios no sentido de manter o anonimato dos participantes do curso.

Segundo Freire (1996, p. 29) “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Ao afirmar que a pesquisa promove a constatação e esta propõe a intervenção

que fomenta a educação e a autoeducação, o autor destaca a pesquisa como uma das dimensões mais centrais no processo de formação do professor, visto que, pesquisar significa buscar, indagar, transformar, exigindo, portanto, conhecimento do espaço. Na etnografia virtual as relações acontecem entre as representações visualizadas em forma de texto, imagem e som.

Para Hine (2000; 2005), responsável pela popularização do termo, a etnografia virtual deve ser compreendida em seu caráter qualitativo em que a análise da internet pode ser observada sob duas óticas em seus efeitos: como cultura e como artefato cultural. A construção do campo se dá a partir da reflexividade e da subjetividade em vez de serem constitutivos da realidade social (HINE, 2005). Assim, a etnografia contribui para a compreensão do papel e a complexidade da comunicação mediada por computador e das TIC.

Segundo a autora, a etnografia virtual se dá no/de e através do online e nunca está desvinculada do off-line, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio.

Assim a etnografia virtual permeia relações espaciais e temporais mediadas pelas redes sociais virtuais, fortalecendo práticas educativas construídas e ressignificadas no espaço virtual.

LETRAMENTO DIGITAL

Ao delinear o letramento para além do processo de alfabetização, Tfouni (1995, p.20) afirma que “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Já Soares (2002), fala em estado ou condição e envolve a participação do sujeito em eventos nas práticas de leitura e escrita, na interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação onde a parte escrita é fundamental. Neste sentido, a autora amplia o seu conceito ao longo de seus estudos delineando-o como um estado ou condição, uma vez que ele representa a participação do sujeito nos eventos que envolvem a escrita.

Entre as diferentes propostas de letramento, uma das mais comentadas na atualidade é a questão do letramento digital. Lévy conceitua letramento digital enquanto:

um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. (1999, p.17)

Sustenta a ampliação do conceito de letramento para letramento digital na concepção de Araujo (2008):

a ideia de interação, ou melhor, a ação de interagir, para além de interpretar. O sujeito tem a possibilidade de, nas práticas de leitura e escrita, além de interpretar e repercutir sua interpretação no seu convívio social, avançar nas práticas interagindo com o texto, onde a interação passa a ser uma intervenção. (ARAUJO, 2008, p. 3).

Ao considerar que estamos numa sociedade do conhecimento, do fluxo da informação e comunicação em rede, é difícil pensar a preparação de um indivíduo para os tempos atuais e futuros sem inserir no processo de ensino-aprendizagem que circulam pela comunicação proporcionada pelas TIC.

Assim podemos dizer que estamos em movimento no processo de formação continuada com professores indígenas e não indígenas em um espaço de conversação que podemos denominar de ciberespaço. Levy (1999), considera o ciberespaço “ como um espaço também construído e negociado pela participação dos atores através da conversação”, com isso a conversação no ciberespaço acontece, em grande parte, por meio da linguagem escrita.

Para Bressane (2006) é fundamental a linguística aplicada na investigação sobre o papel da linguagem na construção desta nova realidade, o ciberespaço em razão de envolver a compreensão das possibilidades relativas às relações interpessoais, à construção de sentidos permitida pela tecnologia digital assim como se pode pensar nas estratégias e condutas metodológicas adequadas no uso da linguagem.

Neste sentido, entendemos que nós, professores, diante da complexidade e transformações que vivemos podemos nos apropriar do ciberespaço para socializar experiências, discutir nossas praticas educacionais, questionar, problematizar e aprender em um contexto intercultural. Sabemos que cada vez mais surgem novos recursos, ambientes virtuais e redes sociais, alguns deles criados para lazer e entretenimento, mas que também podem ser utilizados para o processo de ensino e aprendizagem, como é o caso do Second Life, do Orkut, do YouTube, do Blog, do Facebook, do NING, do Twitter, do LinkedIn e outros.

Diante de todos os recursos, ambientes virtuais e redes sociais destacados, enfatizamos a necessidade de formação continuada de professores para o uso das TIC em suas aulas, uma vez que cada vez mais recebemos alunos com maiores conhecimentos de recursos tecnológicos e inseridos em redes sociais virtuais.

APRENDIZAGEM COLABORATIVA EM REDE

A aprendizagem colaborativa, um tema abordado por vários autores, como, Behrens (1999), Palloff e Pratt (2002), Torres, Alcântara e Irala (2004), Figueiredo (2006), Delors (2006), Kenski (2007), Masetto (2006), Santos (2008), Belloni (2008), Neves e Duarte (2008), Alonso e Vasconcelos (2012), entre outros. Todos têm investigado essa temática, que dá ênfase ao processo de aprendizagem na educação formal presencial ou não presencial, visto que a mesma se relaciona com a concepção de processo de aprendizagem, que se dá pela interação entre sujeitos e a colaboração para existir precisa ultrapassar a própria interação, tem que ser uma atividade compartilhada, em que, nas trocas e influências recíprocas, há sempre o desejo de estar dentro de um espaço interacional, compartilhando interesses e olhando na mesma direção.

Portanto, pensar a aprendizagem colaborativa em um grupo de formação continuada de professores por meio do uso da rede social virtual facebook é um fator importante.

Tendo como pressuposto que os conhecimentos são tecidos em redes que correspondem a contextos cotidianos variados defendemos que a redes sociais podem contribuir com a construção do conhecimento de forma colaborativa, como por exemplo, o compartilhamento por professores, estudantes, pesquisadores em uma rede social na internet, gratuitamente ou não, nos quais podem ser disponibilizados diferentes tipos de textos, vídeos, registros de aulas, imagens, onde podem ser desenvolvidos diferentes tipos de atividades, comentários, trocas, envolvendo a produção e o compartilhamento de conhecimentos. Essas situações poderão ser evidenciadas nos excertos a seguir:

[...] olha a importancia da aprendizagem colaborativa, assiste! quem gostar curte! (I)

[...]Realizei a leitura do texto. Muito bom! Observe que na página 101 o autor destaca que o conceito de interculturalidade resulta mais adequado. (U)

[...]Olá Pessoal, dizem que a leitura faz bem a alma ... então compartilhando com vocês a obra **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: reflexão, inovação e práticas**, organizado por docentes da Universidade Aberta de Portugal com prefácio do Prof. Marco Silva. A obra contempla artigos riquíssimos aplicados aos diversos contextos da Educação. (J)

Percebemos que trocar opiniões, propor soluções compartilhadas, ajudar uns aos outros, colaborar, contribuir, discutir e refletir sobre o que faz sozinho e com os outros, proporciona a aprendizagem colaborativa e muitas vezes os desafios em utilizar as TIC motiva a aprendizagem. Para Pretto e Assis (2008, p. 82):

[...] a colaboração e o trabalho em rede [...] são princípios necessários à educação, pois se fundamentam na idéia de que os conhecimentos não são “mercadorias” de propriedade de uns poucos, prontas a serem distribuídas para “consumidores” cuja única tarefa seria armazená-las e, no momento oportuno, dar provas de que as possuem.

Para os autores, a articulação entre letramento digital e educação se concretiza a partir das possibilidades de organização em rede, com apropriação criativa dos recursos tecnológicos de produção de informação no sentido de buscar novas formas de ensinar e aprender, pensar e agir em rede e principalmente sob uma perspectiva dialógica, interativa e colaborativa, em que os participantes do processo tornam-se mais autônomos e em constante formação.

Recuero (2009) explica que a rede social na Internet é constituída por dois elementos básicos: os atores e suas conexões. As conexões são formadas por atores que se relacionam e estabelecem laços sociais. Por meio da interação social eles vão se conectando a outros e a rede vai se ampliando entre nativos e imigrantes digitais.

Esta situação, vivenciada na sociedade contemporânea, tem implicações tanto nas escolas de educação básica quanto nas Instituições de Ensino Superior (IES), pois este é o novo perfil dos estudantes e dos acadêmicos.

Nesse sentido, a rede social apresenta-se com possibilidade de conectividade virtual ao qual pode ser um espaço privilegiado de expressão, de novas formas de lidar com as informações e de construir conhecimento.

Segundo Neves e Duarte (2008, p. 785):

[...] acreditamos que as novas gerações não são nem mais nem menos inteligentes do que as anteriores, mas, ao que tudo indica, desenvolveram formas de lidar com a informação e de construir conhecimentos diferentes daquelas com as quais os imigrantes digitais² aprenderam a lidar e que tomamos como referência para ensinar. A escola terá melhores condições de cumprir seu papel de escolarizar as novas gerações de nativos

²Os imigrantes digitais são os que chegaram à tecnologia digital mais tarde na vida e, por isso, precisaram se adaptar. (Prensky, 2001).

digitais³ se conseguirmos levar em conta, na organização do currículo, nas práticas escolares e na escolha de nossos métodos, formas de aprender que não se enquadram em nossos paradigmas

Nesta sociedade contemporânea, em que as TIC de uma forma geral se fazem cada vez mais presentes na vida dos indivíduos, é importante que os professores despertem para a possibilidade de incorporar, reconhecer e aproveitar as vivências dos alunos com as TIC que estão para além do espaço escolar, no sentido de construir e desenvolver práticas pedagógicas.

O ensino no uso de ambientes virtuais, significa para Almeida (2003), planejamento e proposição de atividades que possam propiciar a inter aprendizagem e a aprendizagem significativa do aluno, seja na disponibilização de materiais de apoio, no uso de diferentes e múltiplas linguagens, na presença de um professor que tenha uma atuação como mediador e orientador do aluno no incentivo à busca de informações, na provocação de reflexões.

Corroborando com este pensamento Santos (2003), ao acrescentar que:

para que o processo de troca e partilha de sentidos possa ser efetivo poderemos criar interfaces síncronas a exemplo dos *chats* ou salas de bate papos e assíncronas a exemplo dos fóruns e listas de discussão. Podemos contar também com os blogs que, além de permitir comunicação síncrona e assíncrona, agregam em seu formato hipertextual uma infinidade de linguagens e forma de expressão (SANTOS, 2003, p. 9).

Complementando a autora que há aspectos importantes que precisam ser observados na elaboração de um ambiente virtual de aprendizagem:

Criação de *sites* hipertextuais que agreguem intertextualidade nas conexões com outros *sites* ou documentos; navegabilidade em ambiente simples e de fácil acesso e transparência nas informações; integração de várias linguagens: sons, texto, imagens dinâmicas e estáticas, gráficos, mapas; multimídia; integração de vários suportes midiáticos; potencialização da comunicação interativa síncrona, comunicação em tempo real e assíncrona; comunicação a qualquer tempo – emissor e receptor não precisam estar no mesmo tempo comunicativo. (SANTOS, 2003, p. 9).

Nos excertos a seguir podemos observar que os professores destacam a importância das TIC no seu dia a dia e no processo de ensino e aprendizagem.

[...]podemos compreender que a tecnologia está em toda parte a todo momento, e que na maioria das vezes não damos conta desse valioso instrumento. (A)

[...]a tecnologia ajuda muito em questões de ideias, principalmente para se dar uma aula prazerosa. (B)

³Os nativos digitais, os que chegaram ao mundo após a popularização dos computadores pessoais e a criação da internet. (Prensky, 2001).

[...] as TIC são importantes na nossa vida e temos que aprender para ajudar nossos alunos. (C)

[...] o curso ajuda a entender melhor sobre o uso de tecnologia do nosso dia-a-dia para aprendizagem dos nossos alunos. (D)

[...] hoje td é tecnologia,e os alunos se interagindo com a net desde já, mais tarde não terão dificuldades. (E)

Pensamos que explorar as potencialidades dessas redes sociais virtuais, experimentar o que elas têm a oferecer à educação, sobretudo no que se refere à aprendizagem colaborativa, é uma boa maneira de integrá-las e apropriá-las ao cotidiano escolar dos nativos e imigrantes digitais e principalmente na formação de professores que muitas vezes é uma novidade.

Segundo Moran (2007, p. 99) há três campos para as atividades em um ambiente virtual: pesquisa, comunicação e produção-divulgação:

Pesquisa individual de temas, experiências, projetos, textos. Comunicação em debates online ou presenciais sobre os temas e experiências pesquisados. Produção, para divulgar os resultados no formato multimídia, hipertextual e publicá-los para os colegas e, eventualmente, para a comunidade externa ao curso (MORAN, 2007, p. 99).

Cabe destacar que a introdução das tecnologias de informação e comunicação ainda é ausente ou não estão presentes em muitos cursos de formação inicial de professores como destaca Barreto (2010, p.230):

[...as tecnologias não estão presentes no cotidiano dos cursos de formação inicial de professores, de modo a sustentar alternativas teórico-metodológicas em condições de produção adequadas, as tecnologias continuam, salvo algumas exceções, como uma novidade para os professores. Assim, não chegam a ser surpreendentes as dificuldades e hesitações verificadas no trabalho com elas].

Apesar da escola da aldeia indígena pesquisada ser um pouco carente de infraestrutura computacional possui um laboratório de informática, a escolha dessa aldeia ocorreu exatamente pelo fato de a diretora da escola solicitar aos pesquisadores de uma universidade particular de ensino localizada no estado de Mato Grosso do Sul a possibilidade de contribuir com os professores no sentido de integrá-los e apropriá-los das TIC no contexto escolar. A situação apontada por Barreto (2010) contempla a maioria dos professores indígenas pesquisados, uma novidade para eles.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

A formação continuada é entendida no contexto dessa pesquisa no momento em que os(as) professores(as) percebem que para conhecer é necessária atualização permanente, uma vez que, como esclarecem Estrela e Freire (2009, p.5), a educação escolar é, atualmente, um campo de ação em constante mutação: mudanças organizacionais, curriculares, extracurriculares e outras, definidas num quadro de sucessivas reformas e políticas educativas que exigem dos professores novos papéis, novas competências e ainda acrescentamos diálogos entre culturas.

Em relação à formação permanente, Almeida (2005, p.11) pontua que “a formação continuada engloba o conjunto das atividades de formação desenvolvidas após a formação inicial e que se realizam ao longo de toda a carreira docente, nos mais variados espaços e com um número incontável de parceiros”.

Neste sentido, é pertinente refletir sobre a formação continuada de professores em um contexto intercultural, considerando as diferentes culturas que perpassam tal contexto, no caso, professores indígenas e não indígenas.

Fleuri (2003, p.26) propõe a perspectiva da educação intercultural como estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo a constituir espaços alternativos produtores de outras formas de identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente.

Indo ao encontro da promoção do diálogo, Vieira (1999, p.368) pensa em “professores que sejam capazes de pôr em prática a pedagogia da divergência e não apenas de convergência”, abertos para respeitar a alteridade do diferente. Também Weber (2003) afirma que a promoção de diálogo com o conhecimento produzido na academia e a tematização de questões sociais atuais, presentes nas linhas de ação no Pacto de Valorização do Magistério e Qualidade da Educação, devem ser consideradas na formação continuada.

Gusmão (2003, p. 103) leva-nos a refletir que estamos diante de uma trama: a diversidade social e cultural que nos desafia, cotidianamente, a rever nossas práticas culturais e pedagógicas, permitindo-nos pensar na dificuldade dos docentes pesquisados em lidar com a diferença e com a alteridade dos alunos índios na escola.

Esta ação exige flexibilidade, reflexão e inquietação diante do cenário em que vivemos hoje, levando-nos a refletir “a diferença do outro, a semelhança do mesmo”. A autora propõe criarmos, num espaço comum, relações solidárias e democráticas, “[...] sem transformar o outro num igual sem face, mas admitir sua igualdade - de direitos, de cidadania ou o que mais seja, preservando-lhe a diferença”. Os excertos a seguir

contemplam a fala de Gusmão no sentido de acreditar que conseguimos superar dificuldades que assomam quando buscamos promover o diálogo no contexto intercultural.

[...]O que esta havendo são troca de ideias,conhecimentos e principalmente cultural. (Z)

[...] está sendo um fato novo, mergulhar em uma cultura diversa, estudar novas perspectivas de interagir com a linguagem não é fácil não mas juntos com certeza podemos avançar. (X)

Nesse sentido, entendemos que a formação continuada sob a perspectiva intercultural constitui-se em um processo permanente de trocas, diálogos, (re) significações, reflexões, questionamentos e aprendizagem. Como exemplificam os excertos a seguir:

[...] O curso é muito bom, ajuda a entender melhor sobre o uso de tecnologia do nosso dia-a-dia para aprendizagem dos nossos alunos volte sempre aqui na nossa aldeia. (A)

[...]Que bom participar do curso de formação continuada tecnologia, juntamente com o grupo dos professores de Campo Grande. Foi um dia excelente, e aprendemos bastante, recursos e ferramentas ricos, para atuar na sala de aula. (B)

[...]Que otimo participar do curso da formação continuada tecnologica pois aprendi novos conhecimentos das tecnologias. (T)

[...] foi como e a primeira vez que eu participo, eu estou adorando pena que o tempo não ajuda, eu gostaria que fosse duas vezes por mês,e ter mais computadores para todos. (U)

Portanto, faz-se necessário pensar que por estarmos inseridos em uma sociedade digital na qual as tecnologias de informação e comunicação estão presentes, não podemos ignorá-las no processo educacional. Pensando nos professores indígenas e não indígenas, a negação da existência destas tecnologias pode implicar em um processo de exclusão, aumentando o fosso entre as diferentes culturas e contextos e minimizando as possibilidades pedagógicas de uso de tais recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que as TIC e principalmente as redes sociais para o grupo de professores indígenas apesar de algumas dificuldades de acesso se converteu para eles em um lugar, onde podem atuar em comunidade, conhecer pessoas ou manter os laços sociais que muitas vezes se encontram com as aspirações coletivas. Os aspectos analisados também

mostraram que esses professores mantêm de forma sólida a sua identidade cultural e tradições.

Cabe aqui frisar a importância do encontro com outras culturas por meio das TIC e redes sociais como espaço de aprendizagem colaborativa e troca de experiências. Nesse sentido, as reflexões sobre as aprendizagens a partir da vivência dos sujeitos é muito valiosa em um espaço da rede social onde brotam dúvidas, possibilidades, significados, respeito, questionamentos, acolhimento, e amadurecimento possibilitando aos envolvidos a possibilidade de criação de novos saberes advindos da reciprocidade coletiva.

Por fim, consideramos que para nós professores, tem sido um desafio compreender a aprendizagem mediada pelas TIC e redes sociais em um grupo de formação continuada de professores indígenas e não indígenas e é nesse convívio com outras culturas que se efetivam as aprendizagens carregadas de significados e reconstruem os diferentes saberes, não deixando de lado o saber que é gerado na família, no grupo de amigos, na escola e em outros.

É importante também ressaltar que a linguagem como instrumento de comunicação e ação é a fonte de ação e interação humana e nela está constante a natureza dinâmica que permite as transformações, adaptações para atender as necessidades em situação de uso como espaço de apreensão de sentidos que oportuniza o diálogo com outras interfaces: sons, gráficos, imagens.

COLLABORATIVE LEARNING IN AN INTERCULTURAL CONTEXT: LOOK IN A CONTINUING EDUCATION IN VIRTUAL FACEBOOK SOCIAL NETWORK.

ABSTRACT

The text expresses significant reflections and experiences on contemporary society, both technological and digital, with implications for school practice and teacher training, daring to show the views of collaborative learning mediated by ICT and social networks and frameworks that support, in part, the work of the continuing education of teachers in an intercultural context. The authors cast the provocation of (re) discovery of new possibilities, to reflect on collaborative learning network, computer literacy and continuing education. The results show that it is stressing the importance of meeting other cultures through ICT and social networks as a space for collaborative learning and sharing of experiences. The reflections on the learning from the experience of the subject, is very valuable in a social network space boasting doubts, possibilities, meanings, respect, questions, reception, and maturation involved enabling creation of new knowledge arising from collective reciprocity.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Kátia Morosov; VASCONCELOS, Maria Auxiliadora. Marques. *As Tecnologias da Informação e Comunicação e a Aprendizagem Colaborativa no Ensino Fundamental*. Contrapontos (UNIVALI) (Cessou em 2008. Cont. ISSN 1984-7114 Contrapontos (Online), v. 12, p. 58-67, 2012.
- ALMEIDA, Maria Isabel. *Formação contínua de professores em face às múltiplas possibilidades e aos inúmeros parceiros existentes hoje*, in: *Cadernos*. Rio de Janeiro: TVE - Salto para o Futuro, 2005.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. *Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem*. *Educ. Pesquisa*. 2003, v. 29, n. 2, pp. 327-340.
- ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Fernando; MARQUESI, Sueli Cristina. Atividades em ambientes virtuais de aprendizagem: parâmetros de qualidade. In: LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (orgs.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- ARAÚJO, Rosana Saurita. *Letramento digital: conceitos e préconceitos*. 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Universidade Federal de Pernambuco. 2008.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1999.
- BARRETO, Raquel Goulart. A apropriação educacional das tecnologias da informação e da comunicação. In: Alice Casimiro Lopes; Elizabeth Macedo. (Org.). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 216-237.
- BELLONI, Maria Luiza. Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. (Org.). *Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância*. Campinas: Papyrus, 2008
- DELORS, Jacques et al. *Educação, um tesouro a descobrir – Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2006. p. 89 - 102.
- ESTRELA, Maria T; FREIRE, Isabel. *Formação de Professores*. Sísifo- Revista de Ciências da Educação, n. 8, p. 3-5. jan/fev/mar/abr 2009.
- FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *A aprendizagem colaborativa de línguas*. 1a.ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 40ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FLEURI, Reinaldo Matias. *Intercultura e educação*, Revista Brasileira de Educação, n. 23, maio/ago. 2003, p. 16-35.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. (Org.). *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London, SAGE Publications, 2000.

_____. *Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge*. In: HINE, Christine (org) *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*, New York: Berg Publishers, 2005.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes Melo. *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999

MASSETO, Tarciso Masetto. *Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia*. In: MORAN, J. M. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papirus, 2007.

NEVES, Mamede. A. C. M.; DUARTE, Rosália. *O Contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola*. *Educação & Sociedade* (Impresso), v. 29, p. 769-789, 2008.

PALLOF, Rena; PRATT, Keith. Estimulando a Aprendizagem Colaborativa. In: *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line*. Porto Alegre: Artmed, 2002

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon, NBC University, v. 9, n. 5, p.1-2 oct. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/wrinting/default.asp>>. Acesso em: 29 jul.2012.

PATRÍCIO, Maria R; GONÇALVES, Vitor. 2010. *Utilização Educativado Facebook no Ensino Superior*, I INTERNATIONAL CONFERENCE LEARNING AND TEACHING IN HIGHER EDUCATION, 1: 1 - 10. Disponível em: <http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/2879/4/7104.pdf>. Acesso em 27 fev 2012.

PRETTO, Nelson; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já. In: PRETTO, N.; SILVEIRA, A. (Org.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. *O processo de colaboração na Educação online: interação mediada pelas tecnologias de informação e comunicação*. Campo Grande, 2008. 174 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em: <<http://www3.ucdb.br/mestrados/arquivos/dissert/545.pdf>>. Acesso em: 20 julho 2012.

SANTOS, Edméa. Oliveira. dos. Articulação de saberes na EAD online: Por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In SILVA, M. (org.) *Educação online*. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

TORRES, Patrícia Lupion; ALCÂNTARA, Paulo Roberto e IRALA, Esrom Adriano Freitas. “*Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem*”. In: Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.13, p.129-145, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=766&dd99=view>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

VIEIRA, Ricardo. *Histórias de vida e identidade. Professores e Interculturalidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

WEBER, Silke. *Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, 2003.